

Editorial

Em maio de 2020, a filosofia brasileira perdeu um de seus maiores nomes.

A admiração que Ruy Fausto sempre despertou em todos à sua volta tinha a ver com uma disposição intelectual e política que destoava tanto da academização quanto da midiaticização do discurso filosófico, no Brasil como na França. Ruy Fausto nunca colocou em suspenso, em termos políticos e históricos, sua análise do texto marxiano; ao contrário, sempre pensou Marx e a si mesmo no horizonte das experiências mais cruciais das sociedades contemporâneas, nas suas moradias tão distintas. Sem se furtar ao debate público, por outro lado, sempre rejeitou a facilitação da crítica midiaticizada. A combinação de rigor conceitual e interesse político marca sua obra de ponta a ponta, em uma tensão avessa a barateamentos.

O presente dossiê d'Os *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade*, periódico integrante do portal de Revistas da USP, é uma homenagem a Ruy Fausto, procurando estar à altura dessa aliança rara de rigor e interesse. O dossiê conta com 7 artigos, 1 resenha, avaliados por análise cega de pares, e a transcrição de uma aula de Ruy Fausto sobre a *Dialética negativa* de Adorno.

Após o lançamento deste dossiê, será realizado o evento online “Democracia, dialética e crítica do capitalismo: homenagem a Ruy Fausto - Lançamento do dossiê especial dos *Cadernos de Filosofia Alemã*”, nos dias 19 e 26 de novembro de 2021, um espaço de discussão com autores e autoras dos textos. Os vídeos do evento ficarão disponíveis no canal de YouTube [uspfflch](https://www.youtube.com/channel/UCpfflch).

Editorial

Os textos aqui apresentados discutem diferentes períodos da sua produção intelectual e temas que vão desde a sua compreensão da dialética e do marxismo, com atenção à conceptualização de interversão, pressuposição e posição e humanismo e anti-humanismo, até discussões políticas sobre democracia, socialismo, totalitarismo e sua compreensão do Brasil contemporâneo.

Os dois primeiros artigos, de Cicero Araujo e Yara Frateschi, abordam a percepção de Ruy Fausto sobre a política, sobretudo o totalitarismo e a democracia, de uma posição de esquerda, mas ao mesmo tempo crítica de algumas tendências de parte da esquerda.

No artigo de abertura, “Ruy Fausto, remando contra a maré”, Cicero Araujo discute o percurso de Ruy Fausto como intelectual público, com foco em sua obra mais recente e suas relações com a esquerda, apontando a centralidade da política em seu pensamento: nas discussões dos pontos cegos do marxismo, dos totalitarismos de direita e esquerda, da relação problemática entre democracia e capitalismo, das alianças da esquerda no poder e das propostas de ruptura e aceitação da violência por uma parcela da esquerda. A sua posição, assim, pode ser resumida como estando contra a maré da esquerda e da direita dominantes.

Yara Frateschi reconstrói as análises de “Hannah Arendt e Ruy Fausto sobre a gênese do totalitarismo de esquerda”. A autora observa que *O ciclo do totalitarismo* (2017), embora se beneficie dos avanços da historiografia nos últimos sessenta anos e apresente um estudo da esquerda mais detalhado que *Origens do totalitarismo*, segue o mesmo caminho analítico que Arendt havia percorrido nos anos 1950 e 1960, argumentando que seus projetos críticos se complementam e são mais potentes quando lidos conjuntamente.

Os artigos de Rúrion Melo e Rodnei Nascimento continuam a discussão sobre política, voltando-se à sua concepção do socialismo democrático, concentrados em textos posteriores a 2007. Melo, em “Outra política:

Editorial

Socialismo, democracia e emancipação”, argumenta que a proposta de refundação do socialismo de Fausto ainda permanece vinculada à alternativa “reforma ou revolução” e deixa pouco espaço tanto para a atuação dos movimentos sociais quanto para um conceito mais radical de democracia. De uma perspectiva habermasiana, afirma ainda que a orientação emancipatória vinculada ao socialismo teria de ser reatualizada para incorporar uma pluralidade de sentidos da emancipação da dominação, não apreendidos nos paradigmas de revolução e reforma. Por sua vez, Nascimento, em “O socialismo democrático, segundo Ruy Fausto”, coloca foco sobre a sua estratégia de construir uma alternativa ao marxismo a partir de uma leitura crítica e rigorosa de Marx, mas argumenta que seria preciso alargar o sentido da democracia no projeto de Fausto, para que esteja à altura do seu poder transformador. O autor parte dos apontamentos de Fausto sobre como a política de Marx fracassou e de que maneira isto se relaciona com sua filosofia da história, expõe a alternativa proposta por Fausto, uma intervenção sobre a produção do capital que, ao mesmo tempo, pretende preservar o direito, o mercado, o Estado e algum grau de propriedade vigentes no interior da mesma sociedade que se pretende subverter, para, por fim, apresentar as dificuldades à sua realização.

Leonardo da Hora, Luiz Repa e o artigo de Renata Guerra e Bruno Serrano discutem conceitos da obra de Ruy Fausto relacionados à sua compreensão da dialética e crítica imanente. Em “Dialética e a força da sutileza: Ruy Fausto para além do humanismo e do anti-humanismo”, Leonardo da Hora analisa a presença do tema do humanismo e do anti-humanismo na obra de Fausto. O autor discute a gênese desta temática a partir da sua leitura de Marx, o sentido do discurso dialético em sua obra e aborda seus escritos mais recentes, em que ele busca construir um pensamento de matriz pós-marxista. Luiz Repa se ocupa do tema “O posto e o pressuposto: Ruy Fausto e a ideia de crítica imanente em Marx”, buscando desenvolver a ideia de crítica imanente em Marx através dos

Editorial

estudos de Ruy Fausto sobre o jogo entre posição e pressuposição em dois sentidos interligados, um lógico-ontológico e um especificamente político, o que permite discernir como a crítica opera em um sentido normativo não descolado da efetividade, e, por fim, buscando esboçar como as figuras da posição e da pressuposição se entrelaçam, mais especificamente, como a posição cria um campo de pressuposições objetivas que sustentam sua significação, de modo que a crítica não se atém apenas à imanência do posto, mas também do pressuposto. Renata Guerra e Bruno Serrano examinam “Aspectos da reconstituição da dialética em Ruy Fausto” em sua interpretação de Marx, por meio de três vias: os elementos da formação desse programa na vertente frankfurtiana da assim chamada *Neue Marx-Lektüre*; a compreensão do lugar da metafísica na teoria do capitalismo, a função da contradição e o processo de interversão da liberdade característicos da sua reconstituição da dialética; e a abertura de programa de Fausto ao campo do vivido por meio do conceito de interversão, em busca da ligação entre *lógica e política*.

Trazemos também a transcrição de uma aula de Fausto no curso “Adorno e a *Dialética Negativa*”, ministrado na Universidade Paris VIII em 1996, que propôs uma leitura sistemática da obra, linha a linha, resultado de um estudo da obra de Adorno que remonta a meados dos anos 1970. A apresentação e a tradução do francês são de Arthur Hussne Bernardo.

Por fim, Régis de Melo Alves resenha a recém-publicada tradução brasileira de *O capital e a lógica de Hegel: dialética marxiana, dialética hegeliana*, de Ruy Fausto, obra lançada em francês em 1997 e agora traduzida por Arthur Hussne Bernardo, Nicolau Spadoni e Paulo Amaral.

Reforçamos o convite às nossas leitoras e aos nossos leitores para que contribuam, através da submissão de textos, com a interlocução filosófica que os *Cadernos* pretendem estimular e aprofundar.